

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O FIMFA
15 de maio de 2024

TEAM AMERICA: WORLD POLICE / 2004

Team America: Polícia Mundial

um filme de Trey Parker

Realização: Trey Parker / **Argumento:** Trey Parker, Matt Stone, Pam Brady / **Direção de Fotografia:** Bill Pope / **Som:** Titra Sound Corp. / **Montagem:** Ali Bendi / **Música:** Harry Gregson-Williams / **Interpretação (vozes):** Trey Parker (Gary Johnston, Joe, Kim Jong Il, Hans Blix, Matt Damon, Tim Robbins, Sean Penn, Michael Moore, Helen Hunt, Susan Sarandon, etc), Matt Stone (Chris, George Clooney, Danny Glover, Ethan Hawke, etc), Kristen Miller (Lisa), entre outros.

Produção: Paramount Pictures, Scott Rudin Productions / **Produtores:** Scott Rudin, Trey Parker, Matt Stone / **Cópia:** 35mm, cor, 98 minutos, versão original legendada eletronicamente em português / **Estreia em Portugal:** 20 de janeiro de 2005 / **Primeira apresentação na Cinemateca Portuguesa.**

sessão apresentada por Luís Vieira, diretor artístico do FIMFA

*America
Fuck, yeah!*
(refrão de uma canção do filme)

A popularidade da enérgica iconoclastia praticada com ferocidade e apontada ao coração do "American way of life" na série de animação de culto **South Park** (e depois na sua encarnação cinematográfica) valeram aos seus criadores – Trey Paker e Matt Stone – uma carta branca para espatifar mais alguns milhões de dólares num brinquedo maior a mais espalhafatoso. O *mainstream* nunca deixou de tentar lucrar com os *mavericks* que se aproximam dele (esse outro *enfant terrible*, Orson Welles, também recebera um cheque em branco para fazer o seu **Citizen Kane** depois de aterrorizar a América com a sua versão radiofónica d'*A Guerra dos Mundos*).

Trocando a animação pelo "filme de marionetas" (uma escolha que lhes trouxe alguns dissabores por ter significado uma produção muito mais morosa e custosa que quase saía do seu controlo), mas mantendo o espírito satírico com que se divertem a atacar todas as vacas sagradas que lhes deu fama, a dupla Trey e Parker fizeram em **Team America: World Police** um dos melhores retratos cinematográficos dos anos Bush (o Segundo) e da sua desastrada "war on terror" que, na sequência dos ataques do 11 de setembro, acabou por nos trazer até ao interessante momento geopolítico em que ainda estamos mergulhados. Comparativamente com o nosso agitado tempo, a revisão deste filme vinte anos depois da sua estreia não deixa de trazer alguma nostalgia pela inocência de um mundo então unipolar: pelo menos no Ocidente, éramos quase felizes e não sabíamos.

Mas a ideologia belicista a preto e branco da política externa americana daqueles anos (que para salvar o mundo não hesita bárbara e incautamente em destruir o Arco do Triunfo ou as pirâmides) não é o único alvo de Trey/Parker. Mordendo a mão que lhes dava de comer, o

seu humor terrorista (e a palavra aplica-se aqui em mais do que um sentido) virava-se também contra Hollywood. Não só pela paródia certeira que aqui fazem do cinema americano e da reciclagem dos tropos estafados do "all american hero" de Top Guns e Rambos em versões ainda mais inanes (Jerry Bruckheimer – produtor de **Pearl Harbour** e de outros *blockbusters* do mesmo quilate - será um dos ódios de estimação mais acarinhados por Parker e Stone, como se pode constatar numa das baladas FM que integram a divertidíssima banda sonora de **Team America**), mas também pela acidez com que se atiram à exibição da boa consciência de alguns dos seus colegas da indústria que se auto-promovem como vozes críticas do poder americano ainda que sem qualquer alcance prático (no género, só a caricatura da inofensiva ONU de Hans Blix na sequência da visita ao tanque de tubarões do palácio de Kim Jong-II é mais corrosiva). Provavelmente com muita injustiça pelo meio (Sean Penn terá sido o mais incomodado pelo seu "boneco", mas a nossa simpatia vai para o pobre Matt Damon aqui reduzido à repetição o seu próprio nome), o que Trey e Parker fazem corresponde a uma longa tradição satírica que não enjeita deitar fora o menino com a água do banho se daí retirarem mais algumas gargalhadas. Neste universo paralelo ao nosso e habitado por bonecos animados, os heróis americanos que policiam o mundo são de uma idiotice a toda a prova e os vilões são tanto Kim Jong-II e os terroristas islâmicos como as boas intenções de Alec Baldwin, Tim Robbins e companhia. Excessivo? Certamente, mas muito eficaz enquanto irrisão total da cultura de celebridades que é a nossa. Ironicamente, e sem que disso tenham plena consciência, Trey e Parker estão também a contribuir para ela ao desviar o alcance da sua crítica política para a gratificação mais imediatista do espectador americano com muita má-língua sobre as estrelas do cinema. Não se pode levar muito a mal que duas crianças crescidas se divirtam à custa dos poderosos, mas digamos que qualquer coisa se perdeu entre a forma certeira como Chaplin acertava na megalomania do verdadeiro poder em **O Grande Ditador** e os múltiplos alvos sempre em movimento que **Team America** quer visar sem se preocupar com danos colaterais.

Ainda que possa incomodar alguns espíritos mais sensíveis, a selvajaria do humor gráfico vale tudo de **Team America** (também nós preferíamos não ter visto a personagem de Randy quase afogada no próprio vômito, mas, simultaneamente, como resistir ao cliché da escaldante cena de sexo entre a dupla romântica?) é preciso reconhecer que ela é sustentada por um laborioso trabalho de produção e de realização, cheio de boas ideias e de pormenores bem achados (muitos deles, como a calçada em forma de croissants na cena de abertura em Paris, tratados quase discretamente). Uma dessas boas ideias – recorrente ao longo do filme - é a forma como utilizam as inevitáveis limitações expressivas e de movimentos das marionetas (quando comparadas com actores de carne e osso ou de personagens de animação) para criar algumas das situações mais engraçadas do filme. O distanciamento auto-consciente, irónico e permanente que é a imagem de marca do humor de Trey e Parker tem também aí o seu próprio limite.

Nuno Sena